

Governo adia leilão da primeira das usinas do rio Madeira A8

Casuísmo domina debate sobre reforma política e condena temas relevantes à discussão estéril EU& Fim de Semana

www.valoronline.com.br

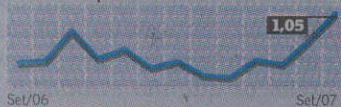


Destques

Inflação em alta

Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M) sobe 1,05% na segunda prévia de setembro, puxado pelos preços agrícolas. Taxa acumulada no ano é de 3,83% e de 5,43% em 12 meses. **A3**

IGP-M - 2ª prévia - em %



Aumento da ocupação

A taxa de desemprego nas principais regiões metropolitanas do país ficou estável em 9,5% em agosto, mas a abertura de vagas (217 mil) foi a segunda maior do ano. **A3**

Bem embalado

Nos últimos dez anos, investimentos em embalagens de alimentos deram um salto de 74%, para R\$ 6,5 bilhões em 2006, com espaço maior para os modelos flexíveis. **Páginas B4 e B5**

Divergências no governo elevam o risco de apagão

Cristiano Romero
De Brasília

A ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, e a diretoria da Petrobras divergem sobre os rumos do setor elétrico. Essa disputa intestina no governo, que se arrasta desde o início do primeiro mandato do presidente Lula, é apontada como uma das razões para o aumento do risco de apagão. Nos últimos quatro anos, as discordâncias praticamente paralisaram a geração termelétrica, que seria supridora de energia em períodos de menor produção das hidrelétricas.

O quadro atormenta o presidente. Depois de comandar pessoalmente, no início de agosto, reunião emergencial do Conselho Nacional de Política Energética (CNPE), ele fez seguinte afirmação: "Saio

daqui mais preocupado do que entrei".

As divergências começaram em 2003. Ao montar o ministério, Lula pôs Dilma Rousseff nas Minas e Energia, em vez de Luiz Pinguelli Rosa, seu aliado histórico, que acabou presidindo a Eletrobrás até maio de 2004. Outro aliado, o professor Ildo Sauer, da USP, foi nomeado diretor de Gás e Energia da Petrobras.

Críticos do sistema "liberal" adotado por FHC no setor elétrico, Pinguelli e Sauer queriam romper com o modelo anterior, que previa a criação de um "mercado livre" de energia no país — que teria causado prejuízo de R\$ 5 bilhões às hidrelétricas estatais nos últimos quatro anos. Ao elaborar a nova estrutura para o setor energético, Dilma contrariou a dupla e não mudou o paradigma.

O maior ponto de atrito entre a ministra e a Petrobras está no gás. A estatal é obrigada a fornecer o combustível às termelétricas, uma operação que lhe causaria prejuízo anual superior a US\$ 260 milhões. Em cinco anos, as perdas teriam chegado a US\$ 1,5 bilhão. Nas conversas oficiais, diretores da Petrobras afirmam que o abastecimento está garantido. Mas constata-se que as usinas muitas vezes não funcionam por falta do insumo.

A crise criou condições para uma mudança na diretoria da estatal. Dilma quer no lugar de Sauer uma pessoa de sua confiança: Maria das Graças Foster, que cederá a presidência da BR Distribuidora a José Eduardo Dutra. A troca continua em estudo, mas o **Valor** apurou que não ocorrerá na reunião de hoje do Conselho da estatal, presidido por Dilma. **Página A6**

Captação de US\$ 1 bi em uma semana

Cristiane Perini Lucchesi
De São Paulo

O mercado de eurobônus permanece fechado para os emergentes, mas os empréstimos externos ao Brasil continuam a todo vapor. Nesta semana, foram anunciadas operações de US\$ 1 bilhão, sendo que as agências multilaterais, bilaterais e de fomento têm ganhado cada vez mais destaque. "Nos tempos de maior insegurança, as agências do governo, que atuam no longo prazo, sempre ficam com os clientes", diz Bertram Dreyer, representante do DEG para o Mercosul — banco do governo alemão que acaba de emprestar US\$ 20 milhões ao Banco Schahin. O Unibanco captou US\$ 190 milhões, sob a liderança do Standard Chartered. A MMX obteve empréstimo stand-by de US\$ 400 milhões. **Página B1**

